



RITA DE CÁSSIA BARBOSA

**VAMOS BRINCAR DE QUE?:
REFLEXÕES E MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA**

INCONFIDENTES-MG

2016

RITA DE CÁSSIA BARBOSA

**VAMOS BRINCAR DE QUE?:
REFLEXÕES E MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para aprovação no curso de Especialização da Pós-Graduação em Educação Infantil no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Inconfidentes, para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Orientador: Prof^a. Ma.: Paula Inácio Coelho

INCONFIDENTES-MG

2016

RITA DE CÁSSIA BARBOSA

**VAMOS BRINCAR DE QUE?:
REFLEXÕES E MEMÓRIAS DE UMA EDUCADORA**

Data de aprovação: _____ de _____ 2016

**Orientadora: Prof^a. Ma.: Paula Inácio Coelho
IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes**

**Prof^a. Dr^a.: Lidiane Teixeira
IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes**

**Prof. Me.: Luís Carlos Negri
IFSULDEMINAS – Campus Inconfidentes**

Dedico este trabalho ao esforço e à luta de minha mãe (in memoriam), pelo constante incentivo e crença em mim e de quem guardo uma imensa saudade. Sei que iria aplaudir se pudesse me ver agora.

AGRADECIMENTOS

Imensamente a Deus...

Por vezes senti meu corpo fraquejar, minha alma abater-se, meu espírito desvanecer e Tu estendeste a mão e me ergueste;

Aos meus pais, agradeço pelos incompensáveis esforços;

A minha mãe (in memoriam) que, com todo brilho no olhar, contava toda contente o orgulho que tinha de nós;

Aos meus irmãos, pedacinhos de minha mãe;

A Renata, minha eterna bonequinha preta...

Ao Jonatas, meu esposo, obrigada por ter me ajudado a fazer dos trastes velhos de minha vida não uma taverna, mas um templo;

Aos Mestres, obrigado por nos ensinar e orientar novos voos, mesmo sabendo que este dependia das asas de cada um de nós;

Aos amigos de caminhada. Todos os nossos momentos foram valiosos!
“A gente não faz amigos, reconhece-os.”

Dedico especial agradecimento a Professora Paula, minha orientadora, que, com sabedoria, soube dirigir-me os passos e os pensamentos para o alcance de meus objetivos.

“Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.” (Bosi, 1995, p.55)

RESUMO

O presente memorial tem por objetivo desenvolver uma pesquisa sobre o brincar na Educação Infantil, por meio das minhas vivências, memórias e diálogos com alguns autores que abordam a temática. O método utilizado envolve aspectos qualitativos, através de pesquisa bibliográfica, desenvolvida principalmente com base em livros e artigos científicos relacionados ao tema. Relato a minha trajetória de vida até a escolha da carreira como professora, além de trazer minhas experiências enquanto professora de Educação Infantil. Por fim, destaco a importância do brincar nessa etapa da vida escolar da criança.

Palavras-chave: Memorial. Educação Infantil. Brincar.

ABSTRACT

The memorial gift aims to develop research on the play in early childhood education, through my experiences, memories and conversations with authors that address the issue. The method involves qualitative aspects through literature, developed mainly based on books and scientific articles related to the topic. Reporting my life path to career choice as a teacher, in addition to bringing my experiences as a teacher in Early Childhood Education. Finally, I emphasize the importance of play that the child's school life stage.

Keywords: Memorial. Child. Education. To play.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 01 |
| 2. CAPÍTULO 1 - A gente vai escrevendo e vai lembrando..... | 03 |
| 1.1 - Dos lugares de onde eu vim..... | 07 |
| 3. CAPÍTULO 2 – O olhar profissional se formando | 09 |
| 2.1 – O magistério..... | 09 |
| 2.2 – Trabalho docente..... | 10 |
| 4. CAPÍTULO 3 – Um novo olhar | 14 |
| 3.1 - O brincar..... | 15 |
| 3.2 – O faz de conta..... | 17 |
| 5. CAPÍTULO 4 – A origem das brincadeiras..... | 20 |
| 4.1 - Concepções de brincadeira..... | 23 |
| 6. CAPÍTULO 5 - | 26 |
| 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 29 |
| 8. REFERÊNCIA..... | 30 |

INTRODUÇÃO

Qual adulto não se recorda dos velhos tempos de criança, quando as brincadeiras eram aprendidas entre os amigos e vizinhos, entre ruas, calçadas e pés descalços; não precisava de tempo ou lugar para brincar.

Atualmente, os meios eletrônicos de comunicação estão, de forma geral, dominando as brincadeiras infantis. Os brinquedos antigos estão sendo esquecidos, o brincar tornou-se limitado; só se brinca na escola, raramente vemos crianças brincando na rua. A criança que chegava suja em casa de tanto brincar hoje só brinca no celular e tablet ou só fica na frente da televisão.

Para a criança, o brincar é natural, é o momento em que exercita a curiosidade, descobre algo novo e aprende a compreender o mundo que a cerca. Através das brincadeiras, a criança assume papéis, experimenta possibilidades, expressa seus sentimentos e pensamentos, cria sua visão de mundo. Por isso o brincar é tão importante, pois auxiliar no desenvolvimento da criança, na criatividade e na espontaneidade. Brincar é um universo a ser redescoberto, revivido, sendo prazeroso, mágico, um mundo de aprendizagem.

A pesquisa tem por objetivo discutir a importância da brincadeira para a infância com base em um breve levantamento bibliográfico. Por se tratar de um memorial, minhas experiências e vivências de brincadeiras na infância dialogarão com as reflexões sobre as brincadeiras trazidas pelos autores, além das minhas experiências como docente na rede municipal de Educação Infantil.

No capítulo 1, são abordadas as minhas memórias, minha infância e brincadeiras, os lugares de onde advim, as minhas raízes. No capítulo 2, serão abordados o olhar profissional, as dificuldades enquanto estudante e a vontade de ter uma profissão. No capítulo 3, explano acerca das vivências em sala de aula, dificuldades e necessidades de quem quer aprender; o olhar profissional e o que me levou a este memorial. No capítulo 4, será exposta a origem das brincadeiras e as concepções do brincar. Por fim, no capítulo 5 discuto o

brincar na sala de aula, através, principalmente, do meu olhar no brincar que acontece no CEMEI Professora Cléria Assis Barbosa.

CAPÍTULO 1 - A GENTE VAI ESCREVENDO E VAI LEMBRANDO

“Ainda lembro do cheiro da chuva,
Das brincadeiras com as amigas
Do cheiro da comida
nas panelas que minha mãe preparava enquanto eu estudava.
Dos sonhos de voar de mãos dadas com Peter pan.
Da tentação da lama em me sujar.
De fingir que estava dormindo para ver se via papai Noel,
entrando em casa pra me deixar presente de natal.
De abraçar uma amiga que caiu e se machucou.
Das brigas com a irmã pelo pedaço maior do doce!”

(Adriana Poschi)

Começo este memorial trazendo como foco o olhar da minha mãe, olhar de afeto e encantamento no meu nascimento, olhar de descoberta; quando eu também ia descobrindo o mundo em minha volta, quando ouvia dizer com doçura que, quando se corta a primeira unha do bebê, deve-se colocá-la em três locais de relevância para que esta siga uma boa sorte ou uma boa profissão.

Minha mãe colocou minhas unhas no meio de um livro, outra parte cedeu a uma costureira para pôr em sua máquina de costura e da terceira parte não me recordo totalmente, talvez em uma roseira... (não sei o porquê). Quanto às duas primeiras opções, sei que a ideia era de que, quando adulta, fosse uma costureira ou viesse a ser uma professora.

Lembro-me com saudade das minhas primeiras lições, que foram dadas por minha mãe em casa, um tanto quanto sem cobrança. Ficávamos traçando as vogais, um rabisco aqui e outro acolá, sem importar em respeitar margens, frente e verso e linhas no caderno todo amarrotado e cheio de orelhas.

Um dia, estávamos em casa quando apareceram duas mulheres cadastrando as crianças para cursarem a escola no ano seguinte. Fiquei encabulada quando minha mãe disse a elas que eu era muito pequena, só tinha seis anos e que pretendia esperar até eu completar sete anos de idade. Percebi que as mulheres procuravam convencer minha mãe para que eu ingressasse; era o ano de 1979, então me chamaram e perguntaram-me se

gostaria de ir à escola. Muito tímida, mas cheia de curiosidade pelo novo, respondi afirmativamente, lembro-me ainda que a minha mãe disse que faria uma experiência e não compraria os materiais, combinando que eu seria uma aluna da caixa, isto é, da caixa escolar, mas eu não sabia o que viria a ser essa caixa. Caixa escolar era destinado a colaborar com as crianças carentes, doando material básico escolar: lápis, borracha e caderno.

Um ano novo e uma nova surpresa. Minha mãe conduziu-me até a escola; fomos juntamente com uma vizinha, ela era nova no bairro e se chamava Maria Olivia. A vizinha seria minha amiguinha, mas, na verdade, fiquei encarregada de cuidar dela, que tinha dificuldades em todos os sentidos. Maria Olívia era muito dependente, filha única, sua mãe era muito introvertida e sistemática e minha mãe, como sempre, era muito prestativa e se ofereceu para que a menina fosse comigo, auxiliando-a no que fosse preciso.

Lembro-me da minha primeira professora, a Tia Zezé...era jovem, alta e magra, adorava blusa de bolas e falar de sua filha, na época bebê. Era muito paciente, fazia-nos entender apenas com seu olhar quando precisávamos ser corrigidos por alguma traquinagem. Meus colegas eram na maior parte repetentes que se deslocavam das proximidades do bairro para estudar ali. Naquela época havia a reprova, e muitos alunos eram reprovados, mantendo-se por vários anos na mesma série. Lembro haver alguns meninos travessos, que gostavam de rir dos novatos, colocar apelidos.

A escola era pequena e mal conservada. Nossa sala de aula funcionava em um cômodo que uma vizinha da comunidade cedeu para que pudéssemos realizar o primeiro ano; atravessávamos a rua para ir lanche e utilizar o banheiro, um feminino e outro masculino para todas as crianças da escola.

O início foi difícil, não sabia utilizar o caderno, não sabia conviver com os alunos, sentia muita vergonha, sentávamos em duplas; para minha sorte, Maria Olivia sentava comigo, sentávamos receio dos outros colegas, pois já eram maiores e mais espertos. Naquele momento estava acontecendo a construção de um novo grupo escolar, época do então prefeito Sebastião Assis, e a comunidade era muito grata por essa benfeitoria.

Minha primeira cartilha foi 'Caminho Suave', já usada, velhinha, vivia despedaçando e minha mãe vivia colando as páginas com cola caseira de farinha de trigo; era o que tínhamos. As duas primeiras lições foram dificultosas; em compensação, quando li a terceira lição, em um mês já sabia ler a cartilha inteira.

Realizamos um sonho quando mudamos de escola. O grupo escolar novo havia ficado pronto. Na segunda série tivemos a professora Angélica, de quem gostava muito, era doce e adorável, nos ensinava composição, ou seja, produção de texto, redação. Não me cansava de suas aulas, pois ela nos motivava sobremaneira.

No terceiro ano, a sala de aula fora miscigenada, havendo alunos repetentes. Não havia professor que permanecia com a turma. Confesso que foi muito árdua essa época. Por fim, a professora que dava aulas na pré-escola veio assumir nossa sala, a Tia Lú, e, devagar, fora melhorando o que era possível.

Em 1982, quarta série, mudei para o turno da manhã, não me lembro por que. Nossa professora era brava, mas não tive problemas com ela, sempre fui muito disciplinada na escola, seja pelos conselhos de casa, bem como pelos escolares; havia respeito, e os valores não eram banais como atualmente.

Nessa época minha mãe já ficava doente e sempre era hospitalizada, eu e meu irmão ficávamos praticamente sozinhos e entregues à nossa própria responsabilidade. Meu pai era sistemático, não podíamos ter dele o que tínhamos com nossa mãe.

Diante das dificuldades, meu propósito em estudar prevalecia, ainda que meu pai não se alegrasse muito com isso. Nas férias, íamos para a roça colher café juntamente com nossos pais, a fim de auxiliá-los.

Com a inauguração do novo grupo escolar, começaram a funcionar as séries ginasiais de quinto a oitavo ano. Isso significava que, quando terminasse a quarta série, poderia continuar estudando no bairro, porque, se dependesse de ir para cidade, Ouro Fino-MG, poderia desistir de estudar, pois não teríamos condições, já que o transporte era pago, além de outras despesas.

Ao completar 10 anos de idade, estava no quinto ano ginásial, e minha mãe trabalhava na roça para ajudar em casa, quando ainda estava saudável. Eu e meu irmão íamos à escola no turno da manhã e, durante a tarde, procurávamos realizar, na medida do possível, os afazeres domésticos que conseguíamos fazer. Nessa época eu já fazia crochê para auferir algum dinheiro. Quantas vezes fazíamos uso de querosene para acender fogão de lenha; não havia energia elétrica, usávamos lamparinas.

Quando cheguei ao oitavo ano, realizei os últimos meses no período da noite com a intenção de trabalhar e guardar algum valor para conseguir estudar no próximo ano. Foi um ano muito difícil! Minha mãe ficou grávida e correu risco de morte. Meu pai ficou mais irritado, não podia pedir para continuar estudando. Parece que tudo se afunilava para o nada, mas graças a Deus passamos por isso.

Sonhava em proporcionar certo conforto para minha família, e via nos estudos a porta para este objetivo. Iria cursar o Magistério, em Ouro Fino, na Escola Normal. Porém, no ano seguinte, não consegui trabalhar e estudar simultaneamente, não consegui conciliar ambas as aspirações. Não possuía dinheiro para pagar ônibus tampouco despesa que viesse a ter na escola.

Não podia contar com meus pais, e, de repente, com ninguém. Perdi aquele ano, mas observava com tanta fé e acreditava que conseguiria me formar, ainda que não fosse de imediato, pois manteria o foco e daria essa vitória à minha mãe. Senti-me muito triste, gostava de estudar, mas não havia outra saída.

Preparei-me! Esperaria o próximo ano! Armazenei dinheiro suficiente para comprar uniforme e livros usados, minha mãe ajudou-me por meio da cobrança ao vereador do transporte escolar, que demorou, mas se efetivou. Em 1988, voltei para concretizar minha vocação: entrei no Magistério, na Escola Normal.

1.1 DOS LUGARES DE ONDE EU VIM

“Somos o lugar onde nos fizemos.
As pessoas com quem convivemos.
Somos a história de que participamos.
A memória coletiva que carregamos”.
(Miguel Arroyo)

Primogênita de uma família de três irmãos, nasci no interior de Minas Gerais, cidadezinha que hoje conta com pouco mais de trinta mil habitantes: Ouro Fino, sul de Minas Gerais.

Meus pais eram trabalhadores rurais, residíamos no distrito de Crisólia, pertencente a Ouro Fino- MG. Sobre a história de Crisólia, ouvi da sabedoria popular, do pessoal mais velho do bairro, a história de que uma Senhora chamada Ana Justina de Jesus, dona de terras na fazenda do Morro Redondo, próximo à Crisólia, encomendou a um certo senhor, Chico Poceiro, a escavação de uma cisterna em sua propriedade. Acredita-se que na época houvesse grande escassez de água. Durante a escavação, foi encontrada a imagem de Nossa Ssenhora da Piedade e, desde então, a devoção fervorosa à santa foi iniciada. No início, a santa foi venerada na casa da senhora Ana, até que a mesma viesse a fazer uma doação de terras para que fosse erguida a capela para sua veneração.

Por volta do ano 1915, os habitantes do bairro da Piedade pedem ao bispo diocesano a elevação da capela à Paróquia. Nessa época, já acontecia a tradicional festa em louvor à Nossa Senhora da Piedade, ocorrida primeiramente no mês de agosto e mais tarde sendo transferida para setembro, reunindo grande número de fiéis e devotos.

Com a mudança política de bairro para distrito, o distrito da Piedade ganhou um novo nome, passando a denominar-se Chrysolia, cujo significado estava relacionado à extração do ouro nas proximidades locais – “A água que dissolvia o ouro.”

Por volta do ano de 1923, foi solenemente instalado o Distrito de Chrysolia, com a presença de autoridades, entre eles o juiz da comarca, Doutor Gentil de Moure Rangel, e o Sr. Mário Ribeiro de Miranda, presidente da Câmara dos Vereadores da época, o Sr. Júlio Bueno Brandão Filho, além do vigário, Padre Bernardo Carbone, dentre outras autoridades.

Assim como as terras do bairro São Pedro, Piedade é banhada pelo Ribeirão de São Pedro, em cujas margens e redondezas foram abertas as grandes catas auríferas, cujo ouro era lavado naquelas águas.

Os antigos moradores do bairro Crisólia agradeceram a gentileza, porém, segundo suas próprias afirmações, preferiam ficar com o nome anterior da sua terrinha de sempre - Piedade. O nome antigo, além da afetividade, tinha a seu favor a tradição. Há nomes que não mudam. Piedade seria um deles. Crisólia era terra do ouro, banhada nas águas do Ribeirão de São Pedro, sob a proteção de N.S da Piedade, sua santa padroeira.

CAPÍTULO 2 – O OLHAR PROFISSIONAL FORMANDO-SE

“Façamos da interrupção um caminho novo.
Da queda um passo de dança,
do medo uma escada,
do sonho uma ponte, da procura um encontro!”

(Fernando Sabino)

2.1 MAGISTÉRIO

Quando cheguei em Ouro Fino-MG na Escola Normal, senti muita felicidade, ao mesmo tempo em que voltava o medo de não conseguir me manter na escola. Havia algumas meninas de famílias tradicionais que eu conhecia e algumas outras não conhecia; eram simples como eu, provindas de outras localidades e estavam ali para estudar.

Naquela época, a Escola Normal preservava conceitos exigentes com relação a uniforme e disciplina; nosso currículo seria de quatro anos, abolindo o anterior, que fora de três anos. O primeiro ano era de Ensino Médio; a partir do segundo ano, começariam as disciplinas de Didática e Pedagogia.

Passada a primeira impressão, senti-me em casa. Era ali mesmo onde queria estar, e aquelas meninas eram a minha turma. Os laços de amizade firmaram-se, encontrei apoio e força para prosseguir, “anjos” que me ajudaram em momentos difíceis, amigos e companheiros que levarei pela vida.

Os professores maravilhosos instigavam-me e firmavam cada vez mais em mim o propósito do magistério. Eu estava maravilhada com o caminho que viria a seguir. O período de Magistério foi de 1988 a 1991. A educação ainda era pautada no ensino tradicional, porém, “ensinava” como ser uma professora, desde a pasta de datas comemorativas, os estágios incansáveis de observação, os equívocos das professoras que estavam sendo observadas. Estágios vivenciados dentro de salas de aula que começavam a perder o sentido tradicional de ensinar e que passavam por uma transição, na qual os professores novos criticavam o modo tradicional, embora ainda não soubessem

ou não tinham estudado o suficiente para deixarem de ser tradicionais. Não podíamos seguir o ensino tradicional, mas não havia coerência em afirmar o que deveria ou não, havendo um jogo de impasses mal concluído, em que se deveriam executar as tarefas definidas nas secretarias educacionais. Hoje, revivendo essas memórias, acredito ter sido este o início do meu encanto e de minha vocação, pois dessas aulas nascia o desejo de seguir carreira no Magistério.

2.2 TRABALHO DOCENTE

“Ser professor é consumir horas e horas pensando em cada detalhe daquela aula que, mesmo ocorrendo todos os dias, a cada dia é única e original...”

Bilibio.com.br

Assim que conclui o Magistério, comecei a trabalhar na zona rural de Ouro Fino-MG, em um bairro chamado São Jose do Mato Dentro. A sala de aula era multisseriada. A escola detinha uma metodologia muito tradicional; o sistema de ensino era conduzido pelas profissionais antigas da casa. As novatas eram meras detentoras de fazer o que era ditado pelas profissionais mais velhas e experientes, limitando a chance de ideias inovadoras trazidas do curso.

Como era um local longínquo, as professoras moravam em uma casa a semana toda, dedicando-se essencialmente aos afazeres escolares, à direção e à supervisão da escola: planos, cartazes, correção de tarefas e comunicar as tarefas de casa (existiam 02 cadernos de tarefa, um recolhido para correção, enquanto o outro seguia para casa com as atividades a serem feitas). A supervisora observava o tempo todo.

Os alunos apresentavam muita dificuldade na aprendizagem, comecei a me sentir desconfortável naquele local. O ano acabou, houveram alunos reprovados. Confesso que a própria supervisora fazia reprovar os alunos,

argumentando que já havia deixado os pais cientes de tal situação, embora muitas vezes eu acreditasse no potencial daquela criança.

Essa primeira turma eram alunos das antigas 1ª e 2ª séries, ciclos da alfabetização, na rede estadual. No outro ano, fui chamada novamente, mas já não sentia aquele entusiasmo. Amava quando as crianças iam dominando as letras e palavras; por outro lado, sentia-me em um “reality show”- observada o tempo todo.

No ano seguinte, fui chamada para lecionar nesse bairro novamente; queria investir na carreira que havia escolhido, precisava trabalhar e gostava do que fazia, mas não me sentia bem naquela escola. Quando assumi a sala, pensando encontrar crianças, encontrei alunos defasados, provenientes de problemas sociais e familiares, minha sala de aula viria a ter alunos de 14 e 15 anos de idade juntamente com crianças de 6 e 7 anos; ali havia todos os tipos de problemas.

Segui até maio daquele ano, pois não sentia meu trabalho evoluir; os mais velhos não deixavam os mais novos aprenderem, não tinha apoio, não havia supervisora naquele ano, tive uma forte depressão, desisti. Ministrei em algumas instituições até prestar o concurso do estado.

Quando assumi, percebi os mesmos problemas das profissionais detentoras da casa; suas ideias e vontades prevaleciam, as recém-chegadas eram inexperientes e ficavam com as turmas que restavam. Não tínhamos vez e voz.

Diferentemente do que imaginei, fui trabalhar na zona rural de novo, mas, como podia ir e voltar todos os dias, estava maravilhada, era outra realidade em todos os sentidos. Foi uma época de grande crescimento em minha vida. Sabia que havia a questão das professoras engessadas no tradicionalismo e que, de certa forma, havia herdado também, mas ali, com aquela turma, conseguia pôr em plano meu método de ensinar e aprender, transformar, evoluir e sentir realizada. Foi gratificante.

Procurei desenvolver atividades que contribuíssem para aquisição e prazer do conhecimento, da leitura e da escrita. Queria desmistificar o antigo e

florear com o lúdico aquelas aulas sem sabor, seguidas por infinitas atividades repetitivas. Queria mostrar que haviam formas de aproveitar os mesmos conteúdos de maneira mais atrativas, que fornecessem prazer em realizá-las. Podemos trabalhar habilidades variadas, de grande valia para a construção do conhecimento e formações de caráter social, explorando o lúdico, sendo um leque de opções para atingir a aprendizagem e a vida do educando.

Terminando o Magistério, após cinco anos, iniciei minha formação em Letras. Foram três anos de graduação, mas que pouco, muito pouco mesmo, acrescentou-me em termos de formação profissional em relação aos estudos à anterior graduação. Tinha a sensação de que faltava mais, precisava saber mais.

Embora eu estivesse na sala de aula todos esses anos, não me sentia suficientemente preenchida. Observava o sistema e os cursos oferecidos, buscando proveito, mas sempre achava que poderiam ser melhores. Eu procurava por caminhos e respostas para milhares de porquês, não entendia o sistema e a maneira de ensinar repletas de atividades mecânicas, crianças estáticas em suas mesinhas, escutando o professor.

Há quatro anos, fui convidada para trabalhar na Educação Infantil: foi o ressurgimento! Comecei a buscar informações, caminhos, novas leituras, experiências e, ao mesmo tempo, plantar as minhas sementes.

Reencontrei-me! Aprendi a como trabalhar as regras, como direcionar as falas, possibilitando uma ação-reflexão de modo a favorecer a conquista da autonomia infantil. Meus rumos mudaram, meu profissional mudou de direção, descobri que acredito na Educação Infantil, amo fazer parte dela.

Minha trajetória profissional neste momento mudou de direção, descobri que nesta profissão o diferencial é o estudo, a pesquisa teórica e dos meus alunos. Meu olhar atento e meus registros proporcionaram, e ainda proporcionam, acreditar, buscar, criar, lidar e inovar a diversidade que existe em cada ser humaninho que passa pela minha vida. Sempre participei das reuniões pedagógicas da Secretaria Municipal de Educação com vontade de aprender. Participava de palestras, sempre fui uma professora motivada, mas o sonho de fazer uma pós-graduação ainda não tinha sido realizado. Foi aí que

circulou na rede municipal um e-mail de inscrições para quem gostaria de fazer o curso de Especialização em “Educação Infantil” do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - IFSULDEMINAS *campus* Inconfidentes. Repleta de dúvidas com relação ao processo, mas convencida de que essa seria minha chance, fiz a inscrição e fui selecionada para participar do curso.

CAPÍTULO 3 – UM NOVO OLHAR

“O seu olhar agora/ O seu olhar nasceu
O seu olhar me olha/ O seu olhar é seu
O seu olhar o seu olhar melhora/ Melhora o meu”
(Paulo Tatit e Arnaldo Antunes)

Sou professora! Exerço meu ofício em uma Escola Municipal de Educação Infantil no distrito de Crisólia, cidade de Ouro Fino-MG. Estou com uma turma de crianças que possuem entre quatro e cinco anos de idade. Sou estudante, aluna do curso de pós-graduação do IFSULDEMINAS/*campus* Inconfidentes, iniciado em 2014. Novos amigos, professores magníficos. Logo no primeiro momento, tive a certeza de que era aquele aprendizado por que tanto procurava; fiquei muito tempo sem aprender algo novo e, de alguma forma, havia me deixado contagiar pela mesmice.

Apareceram as dificuldades: conciliar tempo, compromissos profissionais e pessoais, e ainda havia certa dificuldade dentro de mim em realizar os trabalhos ministrados pelos professores, pois achava que o mundo tinha seguido e eu, ficado parada no tempo, mas esforcei e aos poucos fui melhorando para diminuir essa distância de conhecimento.

Houve quem me apoiasse como também quem me desencorajasse dizendo que era loucura ficar sobrecarregada, mas eu tinha sede pela Educação Infantil: ela me havia fascinado. Eu queria adquirir novo saberes, conhecimentos, trocar experiências, orientar-me, reciclar-me, releguei o receio e segui caminhando para o novo. Cada professor deixou uma parte de seu conhecimento para que eu pudesse reconstruir o meu.

Professora Melissa deixava-me encantada com a História da Infância e com aquela liderança.

Professora Lidiane, esperando seu Francisco, ensinava-nos as regiões do cérebro relacionadas à aprendizagem da criança.

Professora Paula, arrojada, quanta sabedoria agregou em minha vida! Voltamos à infância.

Professor Luís Carlos, aulas maravilhosas, enriqueceu-me com suas novidades! Que delícia nossas dinâmicas!

Professor Rafael, muito tecnológico. Ser humano finíssimo.

Professor Nilton, sempre pronto, e quanto desejo possui por métodos e projetos.

Que riqueza, quanta aprendizagem, quantas razões para ser um profissional melhor. Esse estudo proporcionou-me uma radicalidade no meu olhar sobre a educação, fez revigorar os sentimentos mais remotos de força de vontade e garra de quando me formei no Magistério. Aquela frustração com a educação desapareceu; a pós-graduação fortaleceu-me!

Sei que minha profissão é a base da construção de uma sociedade que busca por dias melhores, e, na construção da aprendizagem de cada pequeno ser, a confiança de que possam surgir grandes homens.

Desde então, senti que minha vida estava se ajustando, eu estava me reencontrando, acontecia algo de muito inovador em minha vida profissional, e assim fui me lapidando, trilhando o curso. Quantas respostas, quanta aprendizagem, quantos compartilhamentos e leituras; diferentes olhares foram aprimorando o meu olhar.

Querer saber mais sobre a brincadeira levou-me a fazer esta pesquisa. Questionamentos como: o que é a brincadeira? Como a brincadeira deve estar presente na Educação Infantil? Como a brincadeira é abordada pelas escolas? Perguntas que vamos responder ao longo deste memorial.

3.1 O BRINCAR

Sempre pensei, enquanto aluna, no tédio das aulas que só eram cópias de conteúdo sobre conteúdo, do quadro seguido por infinitos questionários, raríssimas eram as novidades. Quando comecei a lecionar no estado procurava desenvolver atividades que contribuíssem para construção do conhecimento e ao mesmo tempo despertassem prazer na realização da mesma. Acredito que através do lúdico se leva muitas habilidades para a formação da realidade e a construção social, porém, a prática nem sempre está de acordo com o discurso. Ausência de profissionais, ausência de ambientes para o brincar na escola, os brinquedos sucateados e a desinformação tanto dos pais quanto de alguns profissionais, faz da prática do brincar um vilão, pois para muitos é perda de tempo ou desinteresse pelo trabalho sério de quem luta por sua realização em sala de aula. Segundo o dicionário Aurélio (2003) brincar é: "divertir-se, recrear-se, entreter-se, distrair-se, folgar", também pode ser "entreter-se com jogos infantis", ou seja, o brincar está presente em nossas vidas, ou deveria estar.

De acordo com Albano (1999, p.37):

“A inteireza, a certeza, a densidade do momento de criação estão presentes no adulto que cria e na criança que brinca. É visível a concentração, o corpo inteiro presente no ato de brincar de uma criança. É a sensação de estar inteiro no que está realizando o que une o artista à criança. A criança brinca porque não poderia viver de outra forma. Por isto desenha, por isto cria: porque brinca. Pois o caráter lúdico está sempre presente na verdadeira criação.”

As brincadeiras se encontram na história da humanidade e fazem parte da cultura de um país, de um povo, e são recriadas com o poder da imaginação e da criação, sendo um meio que desenvolve a atenção, o raciocínio, a inteligência e a capacidade criativa. De acordo com RCNEI:

“Brincar permite a criança escolher, elaborar e colocar em prática suas fantasias, transformando-a na responsável pelos papéis assumidos. Nesse processo é dispensável a intervenção direta do adulto, que viabiliza que a criança busque por si só a solução de problemas, livre das pressões situacionais da realidade imediata” (RCNEI, 1998, p.23).

O brincar favorece a descoberta, a curiosidade, auxilia na concentração, na percepção, na observação, além disso, as crianças desenvolvem os músculos, absorvem oxigênio, crescem, movimentam-se no espaço,

descobrir o seu próprio corpo. O brincar tem função socializadora e integradora.

Para Kishimoto (2003) o brincar é livre, não precisa de tempo nem lugar, não é exigente, pelo contrário, é prazeroso, relaxante e envolvente, desenvolve habilidades, ensina regras, leva a criança ao mundo imaginário. O brincar é a atividade principal do dia a dia de uma criança. Segundo a autora:

“Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver.” (KISHIMOTO, 2003 p. 1).

As razões para brincar são inúmeras, sabe-se que a brincadeira faz bem e toda criança tem o direito de brincar, praticar esportes e se divertir. Segundo Almeida:

“A brincadeira se caracteriza por alguma estruturação e pela utilização de regras. A brincadeira é uma atividade que pode ser tanto coletiva quanto individual. Na brincadeira a existência das regras não limita a ação lúdica, a criança pode modificá-la, ausentar-se quando desejar, incluir novos membros, modificar as próprias regras, enfim existe maior liberdade de ação para as crianças.” (ALMEIDA, 2000 p.05)

O brincar vai desde a sua prática livre até uma atividade dirigida, com regras e normas. É brincando que se aprende a participar das atividades pelo prazer de brincar, sem recompensa ou castigo, adquirindo o hábito de estar ocupada fazendo algo inteligente e criativo, experimentando o mundo ao seu redor, buscando um sentido para sua vida. A criança não nasce sabendo brincar, é aos poucos que vai constituindo o entendimento na relação com o outro indivíduo.

3.2 O FAZ DE CONTA

Brincar de faz de conta é o momento em que criança transforma-se no que deseja; é o momento de criar, de imaginar, de sentir, de imitar o mundo à sua volta, de representar sem medo. Na brincadeira de faz de conta, a criança tem a oportunidade de falar o que está pensando, de assumir um personagem que gostaria de ser. Para Kishimoto:

“A brincadeira de faz de conta, também conhecida como simbólica, de representação de papéis ou sociodramática, é a que deixa mais evidente a presença da situação imaginária. Ela surge com o aparecimento da representação e da linguagem, em torno 2/3 anos, quando a criança começa a alterar o significado dos objetos, dos eventos, a expressar seus sonhos e fantasias e a assumir papéis presentes no contexto social.” (KISHIMOTO, 2003, p.3)

Um faz de conta que acontece. Foi exatamente o que aconteceu comigo, adorava brincar de professora, minha vizinha era minha aluna, um pedaço de papel era o caderno, o livro, e depois, o avião. Lembro-me que realizava a atividade da mesma forma que minha professora; é brincando que criamos possibilidades de entrar no mundo adulto.

Para Kishimoto (2003), ao brincar de faz de conta, a criança cria um mundo imaginário - o seu mundo - à sua maneira de viver o momento e de se transformar em um super-herói ou um policial. Nesse momento, ela tem em suas mãos o poder de governar seu próprio caminho. “Brincando, portanto, a criança coloca-se num papel de poder, em que ela pode dominar os vilões ou as situações que provocariam medo ou que a fariam sentir-se vulnerável e insegura”. (KISHIMOTO, 2003, p.66).

Brincar com a imaginação é um sentimento que não morre. Como esquecer a minha linda boneca Renata, ela era feita de pano preto, com os cabelos alaranjados, e olhos arregalados, a minha predileta; eu tinha tanto cuidado com ela que minha mãe batizou minha irmã caçula com o nome Renata. Brincava de qualquer coisa com minha imaginação: casinha, fazer ‘cabaninha’, mãe da lata, pique.

Fazíamos bonecas de milho verde, bichos de sementes ou algum fruto da época que tivesse ao nosso redor. Subíamos em árvores, andávamos descalços na enxurrada soltando barcos de papel, petecas de pena com

sabugo de milho, perna de pau, perucas de folha de bananeira, “stock” de bambu com fruto da canela; a semente estourava e espirrava longinquamente...

Com o passar da infância, vieram alguns colegas, e nossa imaginação já priorizava brincar de casinha. Claro, nossas casas eram tão perfeitas que idealizávamos todos os móveis e partes de uma casa usando sucatas, tijolos e tudo que a imaginação permitia.

Segundo a autora Oliveira (2000), o brincar favorece a autonomia, contribui para a socialização, é uma atividade livre que não impede a fantasia:

“Ao brincar de que é a mãe da boneca, por exemplo, a menina não apenas imita e se identifica com a figura materna, mas realmente vive intensamente a situação de poder gerar filhos, e de ser uma mãe boa, forte e confiável.” (Oliveira 2000, p. 19).

Minha infância foi muito regrada e humilde, mas riquíssima em imaginação e criatividade. A imaginação permitia-nos verdadeiras viagens, e nossas invenções era de uma realidade insana. A imaginação não tem limites. Atualmente, como professora da Educação Infantil, percebo que foi através das minhas brincadeiras de faz de conta que consigo transmitir a alegria de uma brincadeira para meus alunos, de imaginar juntamente a eles

CAPÍTULO 4 – A ORIGEM DAS BRINCADEIRAS

De acordo com Benjamim (1984), no século XIX, sobras de matérias eram utilizadas para fazer os brinquedos como: sobra de madeira, confeitaria e funilaria, que geravam bonecos de madeira, de açúcar e de chumbo, a “peça do processo de produção que ligava pais e filhos” (Benjamin, 1984, p. 69). Os brinquedos que hoje conhecemos passaram a ser produzidos somente na modernidade.

Ao manusear algum objeto que despertasse o interesse da criança, aos poucos ela ia descobrindo o mundo da brincadeira; os adultos perceberam, sendo que esses objetos passavam a ter uma nova intenção: os soldadinhos de chumbo que antes eram utilizados para enfeita passaram a ser brinquedos nas mãos de uma criança. De acordo com Benjamin:

“Todavia, tais brinquedos não foram em seus primórdios invenções de fabricantes especializados; eles nasceram sobretudo nas oficinas de entalhadores em madeira, fundidores de estanho etc. Antes do século XIX a produção de brinquedos não era função de uma única indústria. O estilo e a beleza das peças mais antigas explicam-se pela circunstância de que o brinquedo representava antigamente um produto secundário das diversas indústrias manufatureiras, as quais, restringidas pelos estatutos corporativos, só podiam fabricar aquilo que competia a seu ramo.” (BENJAMIN 1984, p.67)

Alguns brinquedos surgiram devido a algum acontecimento da época. No século XIX, a madeira perdeu lugar para outros tipos de materiais, a industrialização começou a investir na produção de brinquedos em grande quantidade, brinquedos de outros materiais começaram a ser produzidos, por ser mais rápido fabricá-los. De acordo com Kishimoto (2003), os brinquedos passam a ser fabricados para as crianças, tornando-se então um mediador entre a criança e o mundo.

No Brasil, por ser país de miscigenação de etnias, fica difícil saber a origem de algumas brincadeiras. Segundo Kishimoto:

“Não se conhece a origem destes jogos. Seus criadores são anônimos. Sabe-se apenas que são provenientes de práticas abandonadas por adultos, de fragmentos de romances, poesias, mitos e rituais religiosos. A tradicional idade e universalidade dos jogos assentam-se no fato de que povos distintos e antigos como da Grécia e orientes brincaram de amarelinha, de empinar papagaios, jogar pedrinhas, e até hoje as crianças o fazem quase da mesma forma. Estes jogos foram transmitidos de geração em geração através de conhecimentos empíricos e permanecem na memória infantil.” (KISHIMOTO, 2003, p.15)

A autora acrescenta que os jogos e as brincadeiras vêm dos tempos passados de contos, mitos, praticas culturais e religiosas. Velasco (1996) afirma que antigamente as crianças brincavam das brincadeiras dos adultos, brincadeiras que eram consideradas elementos folclóricos, que influenciaram as brincadeiras tanto no Brasil como no povo português, no negro e no índio.

Quem não se lembra de barra-manteiga, batatinha frita, um dois três, passar anel e pega-pega, brincadeiras de origem africanas. Brincadeiras como cabra cega, rouba rabo, pula carniça, par ou ímpar, cinco Marias, pular amarelinha, boneca de pano, bolinha de gude, esconde-esconde, estilingue, pião, soltar pipa, brincadeiras de bater palmas são de origem portuguesa. Perna de pau, peteca, figura de barbante são algumas brincadeiras de origem indígena.

Essas brincadeiras fizeram a minha infância ser mais divertida, mais leve e mais feliz, influenciaram muitas gerações e hoje trazem muitas recordações. Se recordar é viver, eu vivo cada linha descrita nesse memorial.

Pular corda, que delícia! Quem não se lembra da música enquanto pulava, “um homem bateu em minha porta, e eu abri, senhoras e senhores põe a mão no chão, senhoras e senhores pulem de um pé só, senhora e senhores dê uma rodadinha e vá ‘pro’ olho da rua”. Brincar de corda é uma das

brincadeiras praticadas em todos os lugares do mundo, embora não se saiba ao certo sua origem. A brincadeira envolve três participantes: dois para bater a corda enquanto um pula, e uma música para pular no ritmo: “salada, saladinha, bem temperadinha com sal, pinta, fogo fogão foguinho”.

As brincadeiras são lembranças de muitas pessoas, mas também são obras de arte. Cândido Portinari, artista brasileiro que nasceu em 1903 e faleceu em 1962 aos 59 anos de idade, pintou diferentes temas registrando o Brasil e sua cultura; pintou principalmente crianças, crianças brincando em diferentes momentos, crianças brincando em mangueiras, jogando futebol, soltando pipa, pulando corda, enfim. A infância, segundo Portinari:

Imagem I



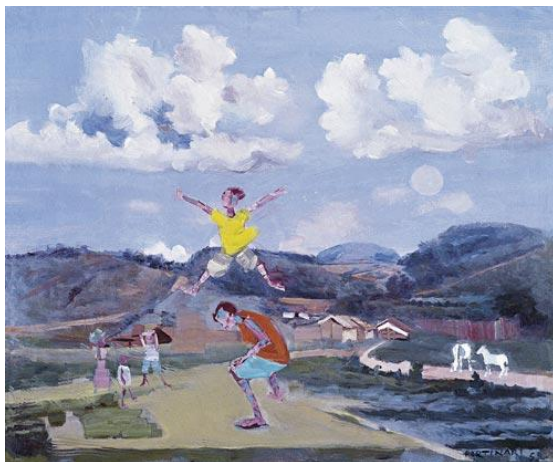
Cambalhota - Óleo sobre tela, 1958. Meninos Brincando, 1958

Imagem II



Crianças brincando - Óleo sobre tela, 1938. Meninos no Balanço, 1960.

Imagem III



Pulando Carniça- Óleo sobre tela, 1959.



Meninos brincando, 1955.

Portinari retratou a criança, a infância, a aventura da cambalhota, o voo no balanço, o animado jogo de futebol, a liberdade do pula carniça, o brincar com os amigos. Registrou a infância em realidade, dos sonhos, da imaginação, da criatividade e da felicidade.

Resgatar a infância nas obras Portinari é sentir cada brincadeira, voltar a viver aquele momento de diversão e aprender mais sobre as brincadeiras. Em diferentes épocas e lugares existem crianças brincando, correndo ou pulando.

4.1 CONCEPÇÕES DE BRINCADEIRA

Aqui abordaremos três grandes estudiosos e a concepção de cada um sobre a brincadeira: Piaget (1975), Vigotski (2007) e Wallon (2007).

Para Vigotski (2007), o brincar é uma atividade criadora, em que imaginação, fantasia e realidade criam novas possibilidades de expressão, de construir relações sociais, criança com criança, criança com adultos e com o mundo. O autor compreende que, ao brincar, a criança representa o mundo, mas por outro lado a criança cria novos saberes e novos significados.

Segundo Vygotsky:

“(...) o brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a a desejar, relacionando seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade”. (Vygotsky, 2007, p.118)

De acordo com o autor, brincar de faz de conta estimula a criança a aprender a respeitar as regras, ativa a criatividade de criação, pois é através dela que escolherá os papéis que vai reproduzir. É assim que cabos de vassouras tornam-se cavalos, pedaços de pano tornam-se capas ou vestido de princesa, pedrinhas em comidinhas e a criança se transforma no que desejar: fada, princesa, pai, mãe, professora e muita mais. O autor afirma que é na brincadeira que “a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo, é como se ela fosse maior do que ela é na realidade” (Vygotsky 2007, p.122).

Jean Piaget (1975) por outro lado, acreditava que as brincadeiras acompanhavam o desenvolvimento da inteligência de cada criança; a cada estágio cognitivo, uma nova atividade lúdica desenvolvia-se. Para o autor, o brincar desenvolve o pensamento lógico e cognitivo, pois é brincando que a criança vai desenvolver a criatividade, a associação, as habilidades de estratégias. Melhora a motricidade, as capacidades de força e resistência, flexibilidade, coordenação e lateralidade. Ao brincar, a criança aprende a realidade, pois o brincar é livre, e a criança pode reviver situações vividas na vida real.

De acordo com Wallon (2007), a formação da personalidade da criança dá-se por meio social. O brincar possibilita essa proximidade da criança com o mundo social. Para o autor, são importantes os espaços e os materiais adequados que possibilitem o brincar, a expressão e a emoção. Através do corpo, dos sentidos, a criança desenvolve a motricidade. Ainda para o referido autor, o faz de conta é a imitação do mundo real, imitar os adultos, brincar de casinha como a mãe, brincar de escolinha como a professora, etc. Quando a criança cria, inventa ou improvisa um brinquedo, ela está transformando um

objeto real em um objeto fictício, e isso só acontece quando ela desenvolve o imaginário, a criatividade e aprende a brincar de faz de conta. Segundo Wallon:

“Só há brincadeira se houver satisfação de subtrair momentaneamente o exercício de uma função às restrições ou limitações que sofre normalmente de atividades de certa forma mais responsáveis, ou seja, que ocupam um lugar mais eminente nas condutas de adaptação ao meio social.” (WALLON, 2007 p.59)

Pode-se afirmar que a brincadeira é tão marcante e intensa que o conhecimento adquirido segue com ela a vida toda. Ela não esquece a sensação do brincar, a alegria e a liberdade de voar na imaginação.

CAPÍTULO 5 – O BRINCAR NA ESCOLA

“Esta menina tão pequenina quer ser bailarina.
Não conhece nem dó nem ré, mas sabe ficar na ponta do pé.
Não conhece nem mi nem fá, mas inclina o corpo para cá e para lá.
Não conhece nem lá nem si, mas fecha os olhos e sorri.
Roda, roda, roda com os bracinhos no ar e não fica tonta bem sai do lugar.
Põe no cabelo uma estrela e um véu e diz que caiu do céu.
Esta menina tão pequenina quer ser bailarina.
Mas depois esquece todas as danças, e também quer dormir como as outras
crianças.”

(Cecilia Meireles)

Algumas escolas não oferecem oportunidades, espaços para a prática da brincadeira livre, passando o brincar na escola a ser limitado. Limitando o brincar, limitamos a criatividade e o desenvolvimento. Querem separar o brincar do aprender, afirmando que escola não é lugar de brincadeira. Segundo Toledo:

“Ao considerar as brincadeiras das crianças como algo que atrapalha a aprendizagem, a escola começa a separar os momentos que são para “aprender” dos que são para “brincar”. Porque esses momentos precisam ser separados? Porque as crianças precisam deixar de brincar para serem transformados no adulto? Porque o adulto não pode brincar?” (TOLEDO 2008, p.12).

A escola esqueceu o que é a brincadeira, e a importância do papel didático muitas vezes é considerada uma perda de tempo. Mas isso não ocorre somente na escola; muitas vezes são os pais que trazem esse pensamento, de que o brincar é perda de tempo, ou ouvimos “vai na escola só para brincar?”. A brincadeira é o momento sobre si mesmo e sobre o mundo, imerso em um faz de conta que por vezes é esquecido.

Muitas vezes, os pais não permitem que os filhos brinquem, por entenderem não estar essa prática contribuindo para a maturidade da criança;

exigem organização e limpeza, a brincadeira livre passa a não existir. Brincar é uma questão tratada de forma séria, não podemos viver em uma sociedade infeliz, que limita o brincar das crianças. O brincar deixa a vida mais leve e as lembranças mais vivas. Segundo Carneiro e Dodge:

“Para que a prática da brincadeira se torne uma realidade na escola, é preciso mudar a visão dos estabelecimentos a respeito dessa ação e a maneira como entendem o currículo. Isso demanda uma transformação que necessita de um corpo docente capacitado e adequadamente instruído para refletir e alterar suas práticas. Envolve, para tanto, uma mudança de postura e disposição para muito trabalho.” (CARNEIRO e DODGE, 2007, p.91)

Focando meu olhar nos brincares que acontecem no CEMEI Professora Cléria Assis Barbosa, observei quão grande, rico, complexo e singelo é o brincar. Em minhas vivências, percebo que, brincando, as crianças perdem o medo de errar, adquirem conhecimentos e prazer espontâneos, desenvolvem a sociabilidade, aprendem a conviver com o próximo, aprendem a trabalhar em equipe, aceitam e respeitam as diferenças.

O brincar vai desde a sua prática livre até uma atividade dirigida, com regras e normas. As crianças devem brincar, porque é brincando que aprendem a participar das atividades pelo prazer de brincar, sem recompensa ou castigo, adquirindo o hábito de estar ocupada, experimentando o mundo ao seu redor, buscando um sentido para sua vida.

No CEMEI, busco levar as crianças ao reconhecimento do tempo livre, de espaço e oferecimento de todo tipo de recurso para o desenvolvimento de seus interesses, livrando-as dos meios de comunicação em massa, resgatando brincadeiras como cantigas de roda, amarelinha, bolha de sabão, pular corda, esconde-esconde, boca de forno, vivo ou morto, bichinhos de legumes, peteca, pião, bola de meia, bolas, casinha, bonecas, lego, sucatas, etc. Procuro explorar as mais variadas formas de brincar.

Trabalho com brinquedos e jogos lúdicos para o brincar em sala de aula na hora do cantinho. Os cantinhos funcionam na formação de quatro equipes, uma em cada cantinho da sala, onde esses jogos são distribuídos entre as crianças. Os jogos são confeccionados de materiais recicláveis, garrafas pet, palitos, E.V.A, tampinhas, prendedores de roupa, CDs antigos, potes de

margarina, embalagens de ovos, dentre outros, com a finalidade de ensinar cores, sequência, números, tamanho, ordem e coordenação motora, além de socializá-los e fortalecer o espírito de equipe.

Esse trabalho tem proporcionado chances de a criança exteriorizar seus sentimentos, exercitar sua iniciativa, assumir responsabilidades por seus atos, edificar sua autoestima, enfim, aprender a viver. Por outro lado, tenho a oportunidade de conhecê-los de perto em suas dificuldades, e a chance de trabalhar aquele menino tímido, que não se socializa, aquele que tem dificuldade motora, não reconhece cores, oferecer-lhe intervenção pedagógica.

O mais importante é que através do brincar conhecemos as crianças, sua história de vida, seu meio social, enfatizando relações que expressem ações pedagógicas diferenciadas da escola básica e envolvam, além de dimensões cognitivas, dimensões lúdicas, criativas e afetivas considerando autonomia e a formação da cidadania.

O apoio da instituição de ensino é essencial para o bom desenvolvimento desse processo, pois cabe a ela a criação de oportunidades para que, através do brincar, as crianças tenham a visão consciente do seu mundo. É de fundamental importância que as famílias também compreendam a importância do brincar, apoiem e sejam parceiros para que, juntamente com a escola, desenvolvam o crescimento e o desenvolvimento da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto escrevia o memorial, fiquei com um pensamento. O que seria do adulto se não brincasse? Infeliz, sem criatividade, sem atitude, sem sonho e imaginação, um adulto que não sabe enfrentar situações, sem lembranças de como é o frio na barriga ao pular corda, ou de como é liderar ao escolher o time para jogar pique, bandeira, queimada, vôlei ou futebol; um adulto que não sabe andar de bicicleta ou patins porque teve medo de arriscar quando era criança.

A criança que brinca muito aprende a ter liderança, possui um modo novo de brincar, inventa uma nova regra para inserir na brincadeira, tem flexibilidade. Possui a capacidade de tornar-se um adulto com autoestima, flexível, que sabe se comunicar, lidera, sabe enfrentar as mais diversas situações e tem a capacidade de escolher. Brincando a criança aprende a obedecer a diferentes impulsos que as levam a atividades físicas e mentais das mais variantes significações, jus é feito à máxima: “nada mais sério do que uma criança brincando”.

O brincar é uma experiência única, nasce das sutilezas da vida, refina-se produzindo sensibilidade e criação. Brincar permite acessar dentro de nós mesmos outros seres que por ali habitam, com respostas, curiosidades e outras habilidades, além do compromisso de transformar o espaço em que atuamos. Através do brincar, contamos com uma ferramenta preciosa, provando a tempo que as regras para existirmos de maneira saudável no mundo são ditadas pela vida e não pelo mercado.

Quanta saudade tenho da minha infância, tele-transportava-me em minhas invenções, era atriz das minhas criações, buscando no meu pequeno mundo de faz de conta idealizações de sonhos para o futuro. E hoje percebo que muitas destas conquistas são as de que um dia, em uma brincadeira, almejei...

REFERÊNCIAS:

Adriana Poschi: **Lembranças de Infância**. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/autor/adriana_poschi/>. Acesso em: 25 de junho de 2016.

ALBANO, Ana Angélica. **O espaço do desenho. A educação do educador**. São Paulo: Loyola, 1999.

ALMEIDA, P.N. **Educação Lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

Arnaldo Antunes/Paulo Tatit: **O seu olhar**. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/prosapoetica/729545>>. Acesso em 25 de junho de 2016.

ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre - Imagens e Auto-Imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

Biblio.com. Disponível em: <<http://www.bilibio.com.br/mensagem/377/Ser+professor+e.html>>. Acesso em: 18 de maio de 2016.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros curriculares Nacionais. Ciências Naturais**. Brasília: MEC/ SEF, 2001.136p.

CARNEIRO, Maria Ângela Barbato e DODGE, Janine J. **A descoberta do brincar**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2007.

Dicionário **Aurélio(2003)**. Disponível em: <<http://dicionariodoaurelio.com/brincar>>. Acesso em 24 de junho de 2016.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 57-71.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 2003.

MEIRELES, C. **Ou isto ou aquilo**. 5.ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2003.

Museu da Infância. Disponível em:<http://www.museudainfancia.unesc.net/memoria/expo_iber/acervo_portinari.htm> acesso em: 18 de maio de 2016.

OLIVEIRA, Vera Barros de (Org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Parâmetros Curriculares Nacionais, **Meio Ambiente e Saúde/ Secretaria de Educação Fundamental**. -2. ed. – Rio de Janeiro: DP&A,200.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Zahar, 1975.

PORTINARI, Candido. **Projeto Portinari**. Disponível em <www.portinari.org.br> acesso em: 24 de maio de 2016.

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, **RCNEI**,1998, p.23.

SABINO, Fernando. **O encontro marcado**. 82. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006 (Edição comemorativa aos 50 anos de publicação).

TOLEDO, Cristina. **O brincar e a constituição de identidades e diferenças na escola**. In: Garcia, Regina Leite (Coord.). Anais. II Congresso Internacional – Cotidiano: diálogos sobre diálogos. GRUPOALFA – Grupo de Pesquisa e Alfabetização das alunas e alunos das classes populares. Rio de Janeiro, Niterói, 2008.

Um Candido Brasileiro Disponível em:
<<http://brazilaerosol.org/sites/default/files/portinari%20emporio%20arte.pdf>>
Acesso em: 18 de maio de 2016.

VELASCO, Cacilda Gonçalves. **Brincar, o Despertar Psicomotor**. Editora Sprint, Rio de Janeiro, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Tradução Claudia Berliner; revisão técnica Izabel Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZANLUCHI, Fernando Barroco. **O brincar e o criar: as relações entre atividade lúdica, desenvolvimento da criatividade e Educação**. Londrina: O autor, 2005.